

ENTREVISTA COM HELOÍSA HELENA OLIVEIRA BUARQUE DE HOLLANDA

INTERVIEW WITH HELOÍSA HELENA OLIVEIRA BUARQUE DE HOLLANDA

Ana Crélia Penha DIAS¹

Heloísa Helena Oliveira BUARQUE DE HOLLANDA é graduada em Letras Clássicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1961); mestre em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1974); e doutora em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979). Tem pós-doutorado em Sociologia da Cultura pela Columbia University (1982-83). Atualmente, é Professora Emérita de Teoria Crítica da Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenadora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura da mesma instituição. Sua atividade de pesquisa privilegia a relação entre cultura e política, especialmente nos campos teóricos da teoria literária e dos estudos culturais. Dedicar-se às áreas de poesia, relações de gênero, relações étnicas, culturas marginalizadas e as questões colocadas pelo novo quadro econômico, político e cultural dos processos de globalização e desenvolvimento tecnológico. Nos últimos anos, vem focando na cultura produzida nas periferias urbanas e suas articulações com o *mainstream*, bem como no impacto das novas tecnologias digitais na produção e no consumo culturais. É autora de muitos livros, dentre os quais estão “Macunaíma, da literatura ao cinema”, “26 poetas hoje”, “Impressões de viagem”, “Cultura e participação nos anos 60”, “Pós-modernismo e política”, “O feminismo como crítica da cultura”, “Guia poético do Rio de Janeiro”, “Asdrúbal Trouxe o Trombone: memórias de uma trupe solitária de comediantes que abalou os anos 70” e “Escolhas, uma autobiografia intelectual”.

¹ Tem mestrado e doutorado em Literatura Brasileira. É professora da Faculdade de Letras da UFRJ. E-mail: anacrelia@gmail.com.

- 
1. *Você é uma das fundadoras de algumas unidades, cursos e programas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O que significa pensar essa universidade no contexto de hoje?*

Realmente hoje tudo está mais difícil. Mas a universidade pós-1968 sempre foi adversa à inovação e à diversidade em seus quadros docentes e discentes, à diversidade de saberes, à flexibilidade institucional e a tantas outras coisas que a tornam sem a porosidade necessária para que se transforme continuamente, como seria importante que ocorresse. Pinguelli² uma vez me disse: você cria núcleos e centros na universidade que mais parecem ONGs... No meu caso, eu traduziria em ONI (Organização Não Institucional) rsrsrs. O PACC (Programa Avançado de Cultura Contemporânea/Letras/UFRJ), por exemplo, é pensado para ser apenas um programa de pesquisa. Apesar de seu tamanho atual (conta com 70 pesquisadores do Brasil e do exterior, além de dois laboratórios) não é um núcleo, não é um Centro, não é um Instituto. Ou seja, não é **nada**. Portanto, não tem Regimento, Diretoria, Conselho, nem é uma unidade orçamentária.

A leveza e agilidade conferidas por não sermos *nada* é precisamente o que permite que o PACC seja um programa de inovação institucional e conceitual permanente. É o que também permite que possamos nos reinventar a cada contexto novo e/ou crítico como o deste momento que estamos passando.

Hoje, nossa prioridade são projetos e ações autossustentáveis e o investimento maciço na produção de conhecimento em parceria com os segmentos sociais que não têm acesso ao universo acadêmico.

2. *Você teve papel importante nos atos de resistência na década de 70. Qual foi o papel da universidade naquele momento?*

A década de 1970 foi conhecida como a época do vazio cultural que sobreveio à euforia crítica e criativa dos anos 1960 nas universidades. A margem de manobra sob o jugo da censura atenta e opressiva, nas salas de aula e fora delas, fez com que sofrêssemos um baque significativo. Foi uma época muito difícil de se produzir encontros ou mesmo conhecimento no meio acadêmico. O que fiz foi

2 Luiz Pinguelli Rosa, Professor Emérito do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



focar minha pesquisa, ações e publicações (inclusive minha tese de doutorado) nos movimentos culturais de resistência na minha área de estudos – a literatura e as artes - que conseguiram romper, ainda que muito relativamente, o silêncio e a imobilidade dos intelectuais e artistas nesse momento conhecido como a *cultura do sufoco dos anos de chumbo*.

3. *Adauto Novaes, no ciclo de palestras “O silêncio dos intelectuais”, colocou em pauta a questão do redimensionamento da posição da intelectualidade, não só no Brasil, que transpõe o foco do olhar sobre as questões do plano público para as pesquisas individuais. Você concorda com essa avaliação? O que significa essa posição no contexto de retrocesso que o país vive? Que atitudes/reflexões são necessárias à intelectualidade?*

Não concordo, não. Hoje a universidade começa a despertar para a importância da extensão como forma de ação política e inclusiva, e temos excelentes grupos de pesquisa altamente envolvidos em propostas de estudo e pesquisa para políticas públicas no âmbito social e cultural. A Universidade me parece muito preocupada em oferecer soluções a médio e longo prazo para o país, e poucas vezes vi a área de Letras e Artes tão envolvida com as expressões e demandas dos movimentos sociais como hoje.

4. *O seu trabalho tem sido atravessado hoje por questões político-sociais importantes? Pode falar um pouco disso?*

Meu trabalho acadêmico sempre foi político. Sou muito apaixonada pela potência da produção de conhecimento no âmbito comunidade da acadêmica e suas possibilidades reais de articular propostas e projetos políticos e sociais a partir dos resultados de pesquisas e experimentações inovadoras.

5. *Em 2015, numa das suas últimas declarações públicas, Umberto Eco afirmou que as redes sociais dão o direito à palavra a uma “legião de imbecis” que antes falavam apenas “em um bar e depois de uma taça de vinho, sem prejudicar a coletividade”... O que você poderia falar sobre esse momento de entrada das redes sociais na vida cotidiana?*

A rede ainda é muito nova para sabermos exatamente seus efeitos. Só não concordo com Umberto Eco sobre o que ele chama de “legião de imbecis” quando se refere ao novo espaço público criado pela internet e à consequente descentralização democratizante do acesso à fala por, em princípio, todos que a ela conseguem conectar-se. Se a internet, no momento, é, talvez, a grande responsável pela polarização e intolerância de nossos dias, ela também é responsável pela expansão e pela escala que a ressonância dos movimentos sociais, culturais e políticos vêm alcançando.

6. *Na sua opinião, o que chamamos de crescimento de da extrema direita no país é algo expressivo, que traz risco para o país, ou é um alarde do senso comum nas redes sociais?*

O crescimento da extrema direita é expressivo não só no nosso país como no mundo todo. O risco de retrocessos inimagináveis é real. Se a esquerda não se reinventar com a urgência devida, esse risco torna-se fatal.

7. *A universidade pública viveu um processo inicial de democratização, com o ingresso por meio de cotas raciais e sociais. Você acredita que temos, nesse sentido, uma universidade coerente com os propósitos de inclusão social?*

Ainda não.

Mas as cotas não apenas foram fatores de inclusão social, mas, sobretudo, realmente são uma enorme chance de renovação para o pensamento e para a pesquisa científica e cultural, que deve ser aproveitada.

Ainda não vejo com clareza essa percepção nos quadros acadêmicos. Novas epistemologias podem ser estar em curso para a surpresa e proveito de todos nós.

8. *Alguns intelectuais apontam certa atitude conservadora das universidades públicas, que, respaldadas na necessária autonomia, relutam em repensar o*



currículo. O que pensa sobre o assunto? Qual seria o limite entre a autonomia universitária e o compromisso com uma formação cidadã?

Acho que a autonomia universitária deveria exatamente ser o lugar por excelência do exercício e da defesa do compromisso com uma formação cidadã.

9. *O Projeto “Escola Sem Partido” caminha a passos largos e já conseguiu ser aprovado em alguns municípios brasileiros. Como pensar a educação nessa perspectiva de cerceamento da autonomia do professor e do boicote à formação dos alunos mais pobres?*

Isso é exatamente o que foi apontado acima como o perigoso avanço da direita conservadora. A universidade deve entrar urgentemente nesse enfrentamento com pesquisas, seminários, debates.

10. *Sua carreira é marcada pela resistência, principalmente em relação à Literatura, no sentido da crítica, da produção e da edição. Como você avalia o papel da crítica hoje?*

Acho que temos uma multiplicidade de tipos de crítica: a crítica acadêmica, que segue, importante, produzindo teorias e metodologias para o exercício de uma leitura profissional de textos; a crítica de jornal, que é uma crítica de divulgação mais ligada ao mercado e, por isso mesmo, com uma performance necessariamente menos livre; a crítica na internet, feita apenas por internautas ou produtores de conteúdo na, que tem sido fundamental no sentido de formar comunidades de leitores e divulgação da produção literária; além de tantas outras formas que poderiam ser chamadas de crítica, como políticas editoriais, antologias, curadorias de festivais e concursos e a própria literatura ou criação literária, que muitas vezes exerce esse papel. Dessas que menciono acima, pelo menos duas me parecem muito comprometidas no momento: a crítica acadêmica, em função principalmente dos grandes cortes de recursos nas universidades e agências de fomento à pesquisa; e a crítica jornalística, que perdeu muito espaço na mídia impressa, espaço que não parece ter sido repostado em suas versões *online*.

11. *O Grupo de Pesquisa da Prof. Regina Delcastagnè fez um grande levantamento sobre os caminhos da produção literária brasileira contemporânea. A pesquisa apontou que a produção é principalmente feita por homens brancos;*



concentra-se no meio urbano; e centra-se, normalmente, em um personagem. Você concorda? Como tem visto a recente produção brasileira?

Acho que essas porcentagens são históricas, mas vejo também que temos alterações significativas nesse panorama.

A literatura feita por mulheres cresce em proporção geométrica e vem ganhando prêmios e prestígio; as demais “minorias”, como a literatura negra e, em menor escala, a indígena já começam a se fazer presentes no mercado e na academia. Quanto ao espaço geográfico, as demais regiões do país para além do eixo RJ/SP ganham visibilidade em função do potencial de divulgação que a internet vem demonstrando. De qualquer forma, de onde se observe, a literatura hoje é bem mais diversificada e múltipla do que há 10 anos.

Quanto ao personagem único, não sei responder, porque minha área de pesquisa tem um foco bastante preciso em poesia, e, na poesia, o personagem é o subtexto...

12. *Você esteve ligada a importante movimento de visibilização da produção das mulheres, como, por exemplo, o trabalho sobre Rachel de Queiroz e Ana Cristina César. Como você pensa o lugar da mulher que escreve literatura hoje?*

Já respondi um pouco desta questão na pergunta anterior. Mas arrisco dizer que as mulheres escritoras hoje estão caminhando céleres para o top das listas de mercado e de presença efetiva nos debates não apenas literários, mas ainda enquanto questão importante de pesquisas, cursos e teses da área.

13. *A circulação da literatura ainda se faz em números mais expressivos nas instituições de ensino, como escola e universidade. Pesquisas mostram que, mesmo ainda precariamente, a maior possibilidade de acesso à literatura da maior parte da população se dá por meio da escola. Isso faz pensar, segundo especialistas da área, na necessidade de refletir sobre a inserção social nesse universo, que alguns chamam de “educação literária” ou “formação de leitores”. Qual você pensa ser o papel das instituições de ensino nesse processo?*



Acho que o principal canal desse acesso é a formação de professores. A Universidade pode contribuir criando prioridades e novas formas de atualização e sensibilização literárias para esses professores. Enfim, o problema não é só da literatura, mas, sobretudo, do país, em que, hoje não há investimento maciço nem em EDUCAÇÃO e, obviamente, nem em professores.

14. Muito se falou sobre a “morte do livro de papel” em função da ascensão do livro digital. O que você pensa sobre isso? Acha que a leitura passou por um processo maior de democratização nessa era digital

O livro de papel até agora continua ganhando, estatisticamente, tanto em produção quanto em venda, do livro digital. O livro digital me parece mais funcional em dicionários, guias, livros de referência, livros científicos & afins, pela facilidade que oferece de atualização constante.

O que me parece que realmente mudou no universo dos livros através do surgimento da internet e mídias digitais (e mesmo mídias sociais) é a atual possibilidade de divulgação rápida e em larga escala de publicações, lançamento e todas as demais formas de disseminação do livro escrito. Da maior importância é o incentivo e facilitação do acesso ao livro oferecido pela internet, especialmente, para segmentos sociais sem acesso a bibliotecas, escolas e universidades.

Por outro lado, são dignos de nota os Blogs, Facebooks, Instagrams e Fanpages dedicados à criação literária e à formação de comunidades virtuais em torno da leitura, que estão ampliando concretamente o público leitor, sobretudo, o público jovem e adolescente. Outro ponto de grande importância a ser observado é o de que a produção *indie* (independente) cresce e se desdobra em uma infinidade de formatos e núcleos de conteúdos de forma acelerada no meio digital, o que seria impensável no âmbito do livro impresso, que tem um custo bem mais alto de produção e uma enorme dificuldade de divulgação em escala significativa e descentralizada geopoliticamente.

